

MENTE E ESPÍRITO UMA CAMINHADA DE CONSTÂNCIA E RESILIÊNCIA: Saberes e memórias de resistência acadêmica

Olga dos Santos Machado¹

Resumo: O presente artigo traz um diálogo, sobre questões de fortalecimento da educação com base no interior dos indivíduos, de forma a movimentar práticas docentes e o cotidiano de uma trajetória individual, enquanto mulher negra, mãe solo e resiliente. A intenção é de, além do refletir sobre a importância do equilíbrio de corpo, mente e espírito, mas também como foram as alternativas vivenciadas na condução das experiências acadêmicas e profissionais, em meio as intercorrências do destino dos sujeitos negros e ainda assim usando tais experiências para traçar um ponto de referência para os que ainda precisam percorrer os caminhos de luta e resistência.

Palavras-chave: Negritude; trajetória; interseccionalidade.

Abstract: *This article brings a dialogue on issues of strengthening education based on the interior of individuals, in order to move teaching practices and the daily life of an individual trajectory, as a black woman, single mother and resilient. The intention is to reflect on the importance of balance of body, mind and spirit, but also how were the alternatives experienced in the conduct of academic and professional experiences, in the midst of the complications of the fate of black subjects and still using such experiences to trace a point of reference for those who still need to walk the paths of struggle and resistance.*

Keywords: *Blackness; trajectory; intersectionalitie.*

Introdução

O estudo apresenta-se como escrivência de uma mulher preta e mãe solo, que assumiu a responsabilidade de sobrevivência e, enquanto subia na escalada da vida, preocupou-se em erguer os seus. Colocou-se como peça em movimento dentro das classes populares, ancorada pelas questões de raça e gênero. As escritas de uma vida em busca da permanência e do êxito

¹ Mestre em Educação - UFRGS.

na educação cruzaram-se quando a docente se viu aluna novamente e voltou ao início de tudo para conseguir enxergar seu propósito.

Desse modo, o percurso do texto vislumbra as nuances das Interseccionalidades vivenciadas por uma professora e acadêmica da pós-graduação, as escritas sobre si buscaram trazer forma à trajetória da pesquisadora enquanto estudante da educação profissional, evidenciando traços disposicionais e *habitus*.

Salienta-se que os estudos sociológicos sobre *habitus* e disposições mostraram-se fundamentais do início ao fim da pesquisa: “(...) uma leitura adequada da relação entre as posições sociais (conceito relacional), as disposições (ou os *habitus*) e as tomadas de posição, as “escolhas” que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática, na cozinha ou no esporte, na música ou na política etc. (...)” (Bourdieu, 1996, p. 18).

Por essa razão, utilizaram-se os estudos sobre a espiritualidade na educação, embasados em bell hooks² pois a cura do espírito mostrou-se necessária - questões de lapidação na própria pesquisadora, para que a finalização do estudo fosse permitida e ligasse as vivências da pesquisadora, enquanto docente e aluna, com os alunos, objeto do estudo.

DE ONDE VEM TANTO ESFORÇO – RAIZES DA RESISTÊNCIA

Durante a caminhada estudantil, houve crença na meritocracia, afinal somos educados para o merecimento. Nesse contexto, a avaliação só tem como objetivo a apresentação de uma nota como recompensa pelo esforço. Mas quem são os recompensados? De que esforço se está falando?

Muitas vezes, a desmotivação foi aliada, pois percebia que a nota recebida era menor do que a dos colegas na escola - o que, não condizia com o esforço empregado, embora escutasse, diversas vezes, que não estava se dedicando o suficiente. Assim, às vezes apelava para o boicote, já que, por mais que

² A autora foi batizada sobre o nome de Glória Jean Watkins, bell hooks escreve-se em minúsculo em uma saudação afetiva-política a sua avó, na intenção evidenciar a sua obra, e o seu legado e não personificar a sua escrita.

fizesse, de antemão carregava consigo a sensação de que talvez não conseguisse atingir os tais resultados supostamente “ideais”. E esse sentimento criava um círculo vicioso de negação, desistência e resistência.

Iniciava negando a importância da realização da atividade, e na fase da desistência buscava se divertir com algo. A diversão era muitas vezes só, na dependência de empregada da casa onde a mãe trabalhava. Depois, quando, de alguma forma, entendia que teria de passar, sim, por aquilo, que aquela fase seria importante, vinha, então, a fase de resistir ao fracasso e buscar alternativas para vencer os obstáculos que, naquele momento, havia colocado.

Mas o que, na verdade, mais fez falta, naquela época, foi ter um professor que entendesse o contexto e procurasse, de alguma forma, fazer com que enxergasse motivação para o estudo, diferentemente do que a mãe dizia - segundo ela: para ser alguém na vida, precisava estudar. Porém, já havia um alguém, um ser resistente já boicotando e sendo boicotada em um contexto marcado pela vulnerabilidade social.

Quanta força habitava naquele corpinho negro franzino, sem ao menos a sentir! Essa força provinha da esperança - da mãe - de dias melhores, fé na prosperidade que a diferença de visão poderia me trazer.

Nesse sentido, sob a própria descrença da sua vida era erguida uma fortaleza, que, naquele tempo, poderia parecer que seria de usufruto de mãe e filha, mas que, posteriormente foi entendido, como legado ancestral para toda uma outra geração de jovens periféricos: jovens negros e brancos de classes populares, que, a partir do testemunho da autora – professora em sala de aula, conheceram tantas outras vozes negras e, assim, puderam fortalecer sua própria fala.

Por essa razão, cabem os questionamentos: será que era feito muito esforço? Qual seria a unidade de medida do esforço estudantil? Qual será a base para medirmos esse esforço? Ele é baseado em quais estruturas? Que régua seria

essa? A partir do esforço de quem? E, ainda, como estavam as condições do ser que atingiu o resultado esperado, considerando-se a força empregada? Enquanto estudante, a perspectiva da docência não existia. Talvez muitos dos que acompanharam a infância não imaginariam o futuro de professora, ou até mesmo para a conclusão do Mestrado - aquela menina que apresentava aparente “preguiça”, e um pensamento acelerado acerca de tudo, não levava muito jeito para o estudo, embora ainda haja os que, de alguma forma, acreditavam nisso. E às vezes até em alguns momentos, acreditasse nesse pensamento descrente, o qual incapacita para o estudo acadêmico. Hoje, sabemos o quanto é complicado falar em “preguiça” para as classes populares, pois muitas vezes não sabemos quais são as bases daquele aparente cansaço físico e mental, daquela agitação, frequentemente como ânsia para resolver coisas que não estão em suas mãos - e tudo isso em torno do aprendizado, aprendendo a aprender do seu jeito, do jeito que a vida e a rotina permitem, construindo, assim, saberes extraordinários.

AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS – METAMORFOSES DO DESTINO

Como sabemos, nossas vidas são atravessadas pelos ciclos, e as trajetórias são conduzidas pela forma como gerenciamos os acontecimentos que ocorrem nesses processos. A pandemia do vírus SARS-CoV-2 (Covid 19), que causou mudanças abruptas no mundo, trouxe, além disso, aos que se oportunizaram, muito aprendizado.

Consideramos o desapego, como um aprendizado emergente durante a pandemia, no processo de soltar muita coisa, muitas vezes, para seguir o fluxo da vida, ou, pelo menos, as oportunidades que eram apresentadas. Essa tarefa não é e não está sendo fácil, porém importantíssima e complementar à história, na perspectiva do entendimento da trajetória.

A autora – pesquisadora – negra é nascida e criada em Porto Alegre, capital gaúcha, no sul do país, e não planejava sair da cidade, e nem em meio a uma

pandemia, mas esse foi o processo. E por mais loucura que parecesse, no momento era o que parecia ser o mais viável.

Para os sujeitos das classes populares, o fato gerador para as mudanças dos estilos de vida está fortemente relacionado às perspectivas de trabalho e emprego. Sendo assim, quando expectativas em relação ao mercado de trabalho na cidade foram ficando escassas, e, com isso, condição financeira estava cada vez mais complicada, foi o momento de revisão das perspectivas de vida. Embora não fizesse sentido ficar longe da mãe e das poucas, porém fortes e resistentes raízes com minha cidade, meu estado e minha região, havia a necessidade da mudança. Então, observando que em Porto Alegre o currículo não estava sendo selecionado, as reservas financeiras não mantinham a subsistência digna e a escrita acadêmica estava prejudicada - muito mais do que sinais de que algo não estava indo bem, precisava rever com atenção essas situações.

Nesse sentido, o que mais preocupava em relação ao evidente caos social vivido era a questão da escrita para o mestrado. Ela estava lá adormecida, em suas falas sobre desigualdade e dificuldades vivenciadas por sujeitos periféricos, educandos e trabalhadores, sobreviventes e resilientes, necessitados de educação, de sobrevivência. Naquele momento, surgiram as escrevivências, como menciona Evaristo (2014), que foram a base da constituição da dissertação de mestrado, com escritas das vivências, experiências que antepassaram, mais fortemente a mãe, e, ainda assim, contidas pela angústia que o momento mundial e situação individual causavam.

Sendo assim, com a literatura negra, há o encontro da redação acadêmica, conforme Evaristo (2018):

A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher, irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor a sua experiência. Os fatos recordados são acolhidos com a generosidade de quem pôde observar a vida de excluídos, mas com o cuidado de registrar os acontecimentos de

um lugar que também preserva os sonhadores e os contadores de histórias (EVARISTO, 2018, p. 138).

Na colcha de memórias, como a autora menciona, estão, de modo privilegiado, todas as vezes em que a mãe e a autora juntaram suas coisas em uma pequena mala marrom e partiram para outro pouso, outro quartinho de alguma área de serviço.

Em uma mão, estavam os poucos bens materiais, e na outra tudo que ela tinha de imaterial - a filha, a que um dia estaria partilhando não só seu legado como uma história, mas um legado de resiliência. Aquela mulher negra saía em busca de trabalho, renda e condições de sobrevivência, com posse de tantas vivências de resistência e fé! Como não seguir mudanças? Principalmente aquelas que poderiam trazer não só conhecimento, mas também novas percepções e, ainda, um encontro com uma cura das questões emocionais.

Sendo assim, o desemprego e a instabilidade financeira provocaram dificuldades de concentração, tornando muito difícil e complexa a entrega para um momento de extrema relevância da vida: o ingresso na pós-graduação. Havia planejado o ingresso no Mestrado em Educação, teve boa colocação no concurso, realizou a primeira prova naquele estilo de escrita. Inclusive, se impressionou com a performance, sendo que não cansava de dizer que não esteve sozinha naquele momento, que havia recebido orientação ancestral, deixaremos esse ponto em questão.

Desse modo, estava determinada a não desistir, estava ali guiada pela ancestralidade, amparada pela resistência e movida pelo propósito de estar pronta, à espera de tantos outros. As pausas eram necessárias, não só para acalmar o coração, mas também para que eu revisse nosso trajeto e o meu propósito, segundo Paulo Freire (1992):

[...] na caminhada em busca da unidade na diversidade, uma longa e difícil, mas indispensável caminhada, as 'minorias', no fundo, repita-se, maioria, em contradição com a única minoria, a

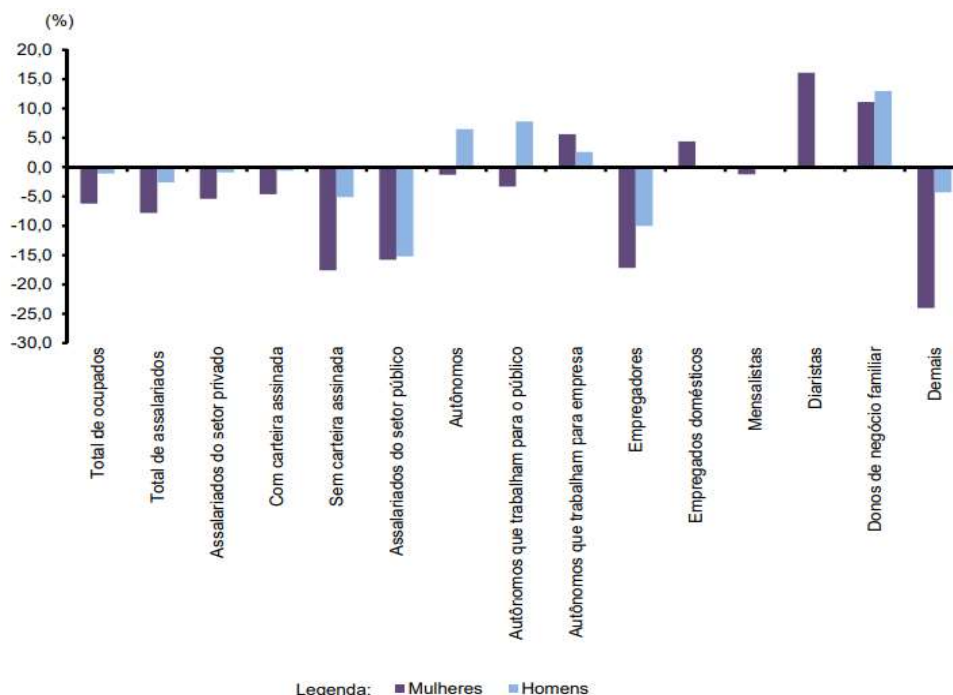
dominante, teriam muito o que aprender. É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar [...] (FREIRE, 1992, p 213).

Então, assim foi se refazendo, retocando e replanejando o percurso para garantir a chegada ao objetivo: ser Mestre em Educação e continuar sobrevivendo como mãe solo, trabalhadora, pesquisadora e negra. As condições de trabalho, segundo pesquisa do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), demonstram que as mulheres da Região Metropolitana de Porto Alegre constituem a maior taxa de desemprego da região, o que reforça a estimativa de parcela desigual da atuação da mulher no mercado de trabalho.

Anos antes da pandemia Covid-19, entre os anos de 2015 e 2017, período de realização da pesquisa, a taxa de desemprego de mulheres, em 2017, na Região Metropolitana de Porto Alegre, aumentou em 11,2% em relação à população economicamente ativa (PEA), sendo que o contingente total de desempregados do período foi de 205 mil pessoas.

Já o total de ocupados, pessoas em atividade laboral, foi estimado em 1.628 mil pessoas, sendo que 44% desse número eram mulheres. Segundo análise, levando-se em consideração a ocupação e o sexo, é possível observar as colocações em que houve queda e aumento, bem como o gênero que se encontra em destaque em cada um dos pontos de inserção ocupacional.

Figura 1- Inserção ocupacional na Região Metropolitana de Porto Alegre.



Fonte: Dados retirados: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTb/FAT.

Nesse sentido, é possível verificar o aumento da ocupação de diarista, ainda como ocupação majoritariamente feminina (e no contexto da pesquisa representado totalmente por mulheres). Mulheres que, certamente, na crise de atividades econômicas, empreendem no ofício dos cuidados domésticos. Já os empreendedores de outros negócios, na maioria, são homens. Além disso, ao observarmos o gráfico produzido em pesquisa DIEESE, entre todas as distintas ocupações, o maior número de retração ocorre nos postos de trabalho das mulheres.

Com a pandemia, situações de desigualdades entre negros e brancos acabaram tornando-se mais evidenciadas. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra Continuada de Domicílios (Pnad Continua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mais de 6,4 milhões de homens e mulheres negros saíram do mercado de trabalho no ano de 2020. Entre brancos, o número chegou a 2,4 milhões.

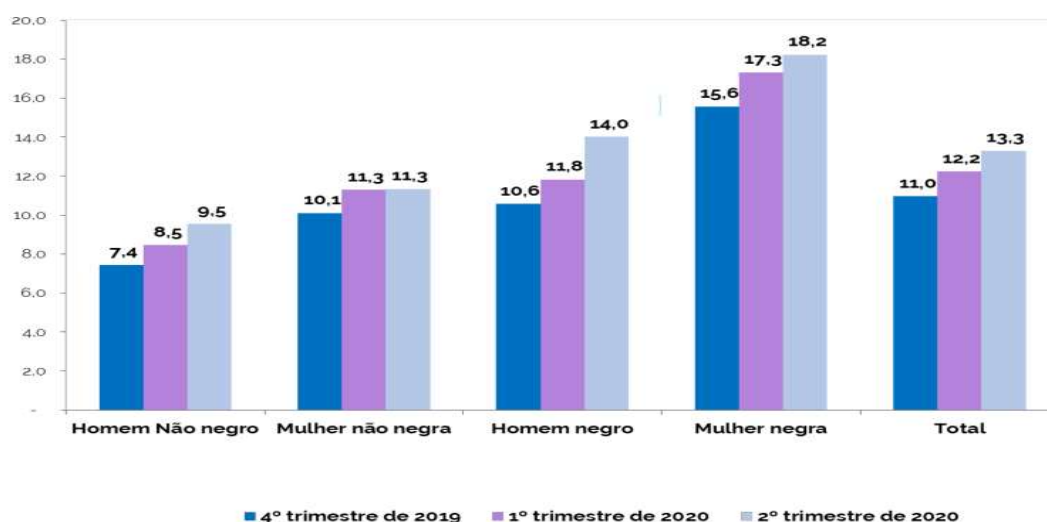
Carneiro (2020) já evidenciava, em seus estudos, as desigualdades na esfera do trabalho para negras e negros, revelando, também, que os rendimentos das mulheres negras economicamente ativas ainda estariam abaixo dos recebidos pelos homens negros – estando abaixo de todos os outros demais trabalhadores economicamente ativos. A autora aponta que as desvantagens socioeconômicas sofridas por mulheres negras se apresentavam já na esfera educacional, devido ao diferenciado acesso aos estudos, tendo isso trazido dificuldades na participação nas melhores fatias do mercado de trabalho. Em escritos de uma vida, Sueli Carneiro ainda aponta a importância de se averiguar a situação da mulher negra em termos de rendimentos médios nos diferentes grupos ocupacionais. Conforme a autora:

A análise das desvantagens sofridas pelas mulheres negras nas ocupações superiores, que exigiram maior escolaridade, especialização etc., tais como as ocupações administrativas e técnicas/científicas/artísticas, se ressentiria possivelmente das restrições colocadas acima. Assim, tomaremos como referência para a percepção de desigualdades raciais presentes no interior dos grupos ocupacionais a Prestação de Serviços, caracterizada como um setor ocupacional concentrador de mão de obra de baixa qualificação profissional, baixos níveis de instrução e rendimento, sendo definido pelo IBGE que tal grupo ocupacional agrega as categorias profissionais dos proprietários nos serviços; ocupações domésticas remuneradas; ocupações dos serviços de alojamento e alimentação; ocupações dos serviços de higiene pessoal, atletas profissionais e funções afins; porteiros, ascensoristas, vigias e serventes (CARNEIRO, 2020, p.34).

A mesma autora, em pesquisa realizada, apresenta que 47,8% das ocupações de prestação de serviços, caracterizadas pelo baixo nível de escolarização, são ocupadas por mulheres negras no estado de São Paulo, sendo que no Brasil o percentual chega a 53,5%. Mulheres brancas, nos referidos postos, estão em 24,8% dos casos. Com a pandemia Covid-19, muitos desses postos domésticos foram afetados pelo receio de

contaminação, ou, ainda, pela perda do poder aquisitivo que muitas famílias sofreram, não podendo mais arcar com os custos dos serviços. Devido a isso, a queda dos postos de trabalhos começou a acontecer, e fortemente para as mulheres negras, conforme apresentado em pesquisa do boletim especial do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos):

Figura 2 - Taxa de desocupação por raça/cor e sexo – Brasil.



Fonte: IBGE, Pnad - elaborado pelo DIESSE.

A mulher negra está em maior número na taxa de desemprego no Brasil, e a pandemia só fez agravar as desigualdades existentes no nosso país. Nesse cenário de desemprego é que ocorreu a busca pela recolocação no mercado de trabalho.

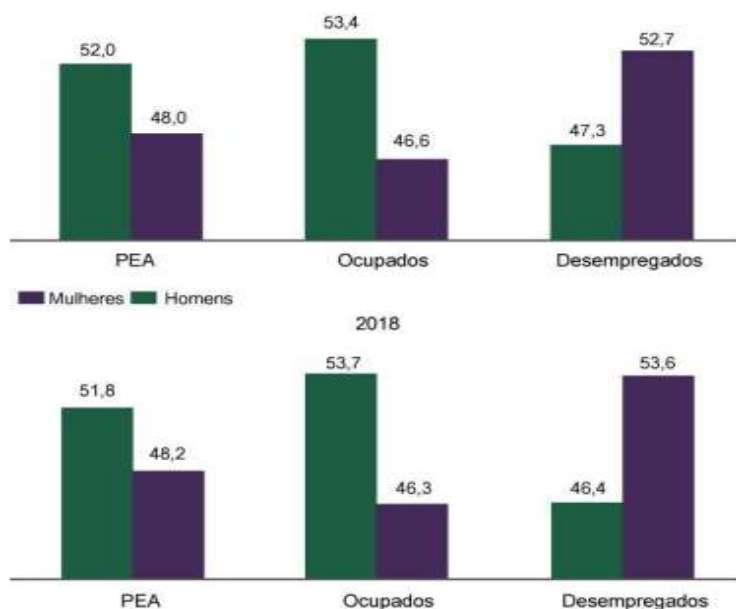
De certa forma, lidar com todas essas emoções é um grande e contínuo aprendizado, para que se eu possa administrar o emocional. Reviver o passado traz muitas lembranças de desilusões e desentendimentos, mas que são formadoras da identidade e do porquê da então mudança para Bahia, em Lauro de Freitas, região metropolitana e fortemente habitada por gaúchos. Estava, em busca de reencontrar dignidade através do trabalho enquanto docente, que é o que sabe fazer de melhor: inspirar pessoas -, atuando em

um programa do governo denominado “Educar para trabalhar”. A docente pesquisadora e seus alunos estavam no mesmo ponto, em busca de melhores condições e posições no mercado de trabalho.

Lauro de Freitas, como mencionei, faz parte da Região Metropolitana de Salvador, capital baiana. De acordo com último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado no ano de 2010, possui 163.449 habitantes, os lauro-freitenses. Ainda, conforme pesquisa realizada, o município tem como salário médio mensal 1,7 salários mínimos, e 58,5% da população está em efetivo trabalho. A cidade possui 97 escolas de Ensino Fundamental e 23 escolas de Ensino Médio, sendo que 475 docentes atuam nesse nível de educação. No entanto, pesquisas apontam que a taxa de desemprego entre as mulheres vem aumentando, antes mesmo da pandemia. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), apesar de em 2018 ter ocorrido um aumento nos postos de trabalho, esses postos foram preenchidos majoritariamente por homens. O aumento da população economicamente ativa em intensidade superior ao acréscimo de postos de trabalho fez com que o percentual de mulheres desempregadas na Região Metropolitana de Salvador elevasse 13%, chegando a 32 mil mulheres. E é crescente o número de mulheres na faixa etária dos 25 aos 39 anos, negras e chefes de família, mães solas e/ou responsáveis pelo domicílio.

Conforme pesquisa sobre o preenchimento dos postos de trabalhos, podemos observar que a ocupação feminina vem mantendo menores posições nos postos ocupados, como também na população economicamente ativa, mantendo seu número elevado no índice de desemprego:

Figura 3 - Distribuição da População Economicamente Ativa, da População Ocupada e Desempregada, segundo o Sexo.



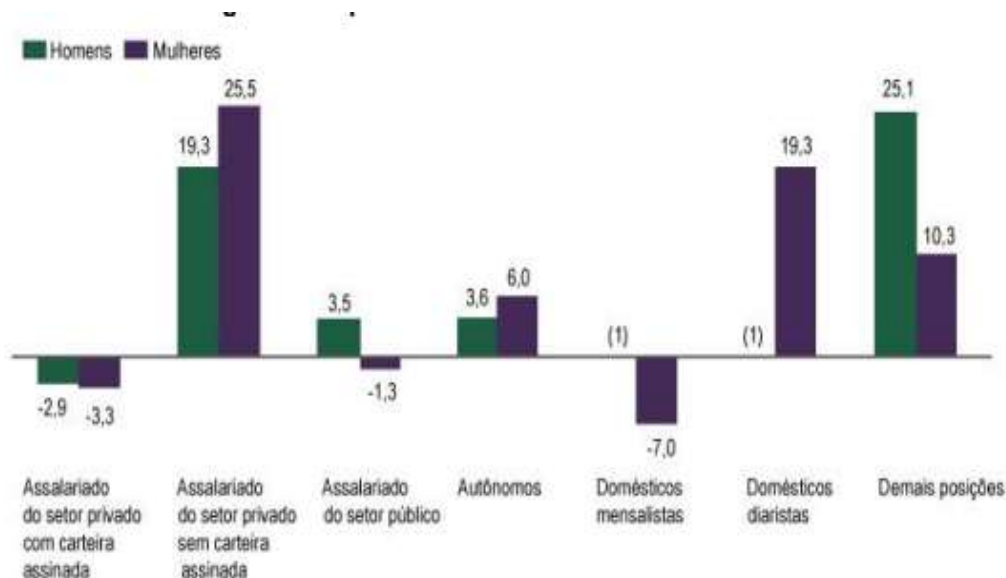
Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Esse contexto de desemprego afetou o país inteiro. A falta de planejamento para ações de enfrentamento da pandemia, aliada à carência de políticas públicas preocupadas com as vulnerabilidades, fez com que o nosso país, que já tinha uma desigualdade acentuada, principalmente no Nordeste, chegasse a índices preocupantes. Estamos ainda colhendo e absorvendo os frutos negativos da pandemia, em diversas áreas. A educação e o trabalho formal são pautas em discussão, além da saúde pública, que afeta também as outras áreas.

O desemprego provoca muitos males e desencadeia muitas enfermidades. Estamos em luta diária para mantermos não só nossos postos de trabalho, mas também sermos produtivos em meio ao caos social. Já no ano da pesquisa, o DIEESE apontava que era elevado o número de mulheres em posições mais precárias, como atividades autônomas, ou ainda sem carteira de trabalho assinada.

E, por outro lado, a pesquisa também apontou um declínio de postos de trabalho que exigem mão de obra técnica e qualificação específica preenchidos por mulheres, citando tantos postos de trabalho na rede privada e pública. Observe-se que na Região Metropolitana de Salvador, nos anos de 2017 e 2018, as estruturas ocupacionais apresentam-se, conforme pesquisa:

Figura 1 - Variação no Nível de Ocupação por Posição na Ocupação, segundo o Sexo - Região Metropolitana de Salvador.



Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Conforme dados levantados em pesquisa DIEESE, quando posicionados por mulheres, os postos de trabalho, em sua maioria, são postos da informalidade. Em relação aos postos sem carteira assinada, 25,5% são ocupados por mulheres, e elas também são maioria nas posições autônomas. Nesse contexto, eu me coloquei no mercado de trabalho formal, em contrato temporário como docente no sistema S³, especificamente no SENAI, em

³ Sistema S é a denominação para o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm vínculo com as associações empresariais e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), Serviço Social de Transporte (Sest).

programa de educação para o trabalho. Motiva-me muito, na docência, a possibilidade de proporcionar a mudança de vida a partir de uma mudança social dos sujeitos quando se preparam ao mercado de trabalho, tornando-se profissionais mais competitivos, além da possibilidade de ampliação de conhecimentos técnicos e comportamentais.

A busca pela carreira do magistério faz parte da luta política de mulheres negras⁴. Ao incentivarem outras tantas a seguir nos estudos e buscar seu caminho de pertencimento aos diversos espaços na sociedade, lutando por uma educação antirracista e pela conscientização de sua propriedade intelectual, negam a segregação já autoimposta na sociedade. De acordo com Silva (1998):

O desafio de construir uma autoimagem positiva da mulher negra em uma sociedade que a exclui e discrimina é uma marca do processo de construção da identidade racial das professoras. Tarefa difícil, mas não impossível. Tarefa que não apaga a força e a dignidade dessas mulheres (SILVA, 1998, p. 3).

Essa formação da identidade da mulher na sociedade, que historicamente a oprime, ainda acontece de maneira bastante difícil, principalmente para as mulheres negras, pois nesse grupo a construção ocorre com um peso consolidado de preconceito e submissão, que, inevitavelmente, traz traços de inferiorização e crenças limitantes que não contribuem para seu desenvolvimento pessoal. Sendo assim, de certa maneira, essas mulheres ficam sempre, por receio, um passo atrás na sociedade. Para Silva (1998):

A introspecção, muitas vezes confundida com timidez, atitude submissa, medo de se expor e incapacidade de se expressar, é entendida pelas mulheres negras como necessidade de "refletir muito antes de agir". A autoimagem positiva está representada pelas afirmativas de que ser mulher negra implica "gostar da sua figura", "acreditar em si própria"; "não se sentir inferior, apesar das

⁴ De fato, de que essa é uma busca secular, que começa nas irmandades e nas compras de alforrias, passando pela Frente Negra, a Imprensa Negra, o Teatro experimental do Negro (movimentos denominados por Alfredo Sérgio Guimarães de modernidades negras) até o próprio movimento negro.

pressões"; "não abaixar a cabeça, empinar o nariz, gostem ou não gostem"; "dizer o que pensa"; "assumir posições mesmo que pareça desafortada". A crítica às relações sociais e às propostas para transformá-las exige das mulheres negras (SILVA, 1998, p. 8).

Nesse aspecto, quando ocorre a libertação de antigos paradigmas por parte do grupo, é comum, quando a mulher de alguma forma se empodera e com isso se torna capaz de argumentar seus pontos de vista, que seja tida como "desafortada", pois aquele pensamento, por vezes, vai de encontro ao já estipulado pela classe dominante, diante do qual ela naturalmente agia com subordinação. Mesmo que toda uma argumentação seja fundamentada, como sua fala não ecoa há muitos anos, tais argumentos não têm força de expressão, são novos e nunca antes mencionados, causando estranheza.

O DESPERTAR É INEVITÁVEL – DEPOIS QUE VOA A BORBOLETA, NUNCA MAIS VOLTA A RASTEJAR

"Para vivermos uma vida no espírito, para sermos verdadeiros com a vida do espírito, precisamos estar abertos aos chamados – nem sempre eles virão de um modo que nos agrada" (HOOKS, 2021, p. 240). A docência a escolheu e, por querer ainda ser docente, faz muitas mobilizações na vida, por realmente ter certeza de que está na profissão certa. Isso fez com que, mesmo num contexto de escassez de oportunidades e recursos, eu buscasse sentido para as próprias escolhas. Houve certa época em que, pela formação profissional, atuou como gestora, secretária, assistente de recursos humanos e até como consultora de vendas, tendo habilidade na área comercial. Porém, mesmo nessas áreas, de alguma forma, o "chamado" aparecia - em uma escrita em um quadro, quando alguém falava que tinha letra de professora; quando encontrava alunos em outros espaços, e eles agradeciam pelas experiências compartilhadas, ou até quando seus colegas, nas empresas, a chamavam de professora. A docência fazia com que eu não esquecesse da missão nesse plano. A verdadeira missão era compartilhar conhecimento, vivências e

experiências, auxiliando na diminuição da desigualdade, através de um processo de cura coletiva e individual.

Quando menciona a cura, é pelo fato de perceber, após algumas análises enquanto praticava a escrita, ancorada em leituras de Djamila Ribeiro, Leila Gonzáles, bell hooks, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes e Petronilha Silva, que todas as falas e escritas de mulheres negras possuem o mesmo toque sutil de libertação. A cada autora, um novo ângulo sobre o mesmo olhar da negritude e os aspectos emocionais que o sujeito negro enfrenta na sociedade. Nesse sentido, Hooks (2021) enfatiza a ideia de curar a partir do amor, entoando as dificuldades do negro, especialmente da mulher negra em descobrir o amor e, a partir desse encontro, colocá-lo em suas ações cotidianas. E o quanto esse momento de cura é renovador para toda uma ancestralidade, subjugada pela sua espiritualidade, e largada ao descaso físico e emocional.

A autora elucida aspectos como o ter e o poder do consumo, que deixa de lado a preocupação com o ser dos sujeitos, fazendo uma reflexão: “[...]Imagine como nossa vida seria diferente se todos os indivíduos que se dizem cristãos, ou que alegam serem religiosos, servissem de exemplo para todos, sendo amorosos[...]” (Hooks, 2021, p. 98). Então, de uma maneira integral, foi buscado refinamento das ações a partir do acolhimento e amor. Revisto aspectos de corpo e espírito para que o retorno à docência fosse capaz de promover mudanças importantes na vida dos estudantes, e na professora pesquisadora.

Hooks (2013) afirma que qualquer profissional de assistência precisa dirigir-se a si mesmo, para após dar auxílio ao outro. Desse modo, para que eu possa fortalecer a crença dos alunos em si mesmos, é preciso à docência vencer essa etapa. E assim, ao conhecer bell hooks, o sentido na pós-graduação se fortaleceu.

Nas leituras, foi possível encontrar a verdadeira essência, que muitas vezes, enquanto docente, era por alguns questionada. Isso colocava em dúvida: as

práticas pedagógicas realmente poderiam ser satisfatórias, se estavam frequentemente fora do contexto previamente estabelecido como proposta institucional, forjada na avaliação de desempenho em prol da meritocracia? Em estudos com Hooks (2010), duas coisas tocaram muito na leitura de suas obras foram: a autoatualização docente e a importância da busca intelectual por uma união entre mente, corpo e espírito. Essa conexão entre o ser físico e o ser espiritual faz sentido para a busca da essência do docente e, por conseguinte, para o reconhecimento da escolha dessa carreira entre outras possibilidades.

O início da docência ocorreu no ensino técnico na modalidade à distância. Ensinou vários a construir um plano de negócios, a partir de um modelo prévio - era possível, de maneira didática, permitir aos alunos que montassem empresas fictícias. Foi percebido que muitos aprenderam bem muitos montaram suas empresas, após o término do curso, a partir de talentos que descobriram em dinâmicas de autoconhecimento aplicadas em sala de aula. Vários alunos conseguiram reconhecer seus potenciais.

Certa vez, a autora pesquisadora estava em um salão de beleza de uma aluna, e, enquanto ela desenvolvia o trabalho, falavam sobre o momento profissional de cada uma: a professora migrando a atuação para uma empresa de tecnologia como consultora de vendas, e ela muito feliz por ter concluído o curso de administração e ainda ter, naquele momento, seu salão de beleza. Naquele momento, seu depoimento fez sentido para a falta da nas salas de aula, oportunizando que outros e outras, como nós, se encontrassem profissionalmente. Segundo ela, as experiências partilhadas em aula, vivências compartilhadas em vários momentos fizeram com que acreditasse que seria capaz de tudo, se tivesse um propósito. Hooks (2013), na obra: “Ensinar para transgredir”, expõe a importância de professores se desenvolverem para estarem totalmente, de forma visceral em sala de aula, enquanto seres completos: corpo, mente e espírito:

Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais, mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva (HOOKS, 2013, p. 35).

Nesse sentido, partilhar as experiências profissionais da professora, e ainda seus anseios com os alunos, se apresentando enquanto ser humano, fortalecia-os. Afinal, ela era um deles, e, possivelmente, muitos não tinham na família alguém que tivesse passado por situação de permanência e êxito na educação, com todas as nuances daqueles que são, das classes populares, têm o prazer de viver.

Uma professora negra, filha de doméstica sabe as dores e delícias de estar na base da estrutura da sociedade e olhar para cima, vislumbrando, que a pirâmide se modifique, faça na base o acesso a melhores condições de vida. Estar hoje na Pós-graduação da Universidade Federal faz parte dessa intensa escalada no enfrentamento da desigualdade. Mais do que um título, é uma prova de que estamos resistentemente nessa escalada, pois, em nossa caminhada, somos, e sempre seremos, nós por nós. E eu que achava que estava ingressando no Mestrado por mim! A cada dia, tenho mais certeza de que é por todos nós, negras e negros e estudantes de classes populares. Lembrando Freire (1992):

Há risco de influenciar os alunos? Não é possível viver, muito menos existir, sem riscos. O fundamental é nos prepararmos para saber corrê-los bem. Qualquer que seja a qualidade da prática educativa, autoritária ou democrática, ela é sempre diretiva. No momento, porém, em que a diretividade do educador ou da educadora interfere na capacidade criadora, formuladora, indagadora do educando, de forma restritiva, então a diretividade

necessária se converte em manipulação, em autoritarismo (FREIRE, 1992, p. 109).

Desse modo, a cada turma, a professora se encontra em muitas das histórias. E, incrivelmente, não importa onde estamos, pobres e pretos têm suas histórias interligadas em algum ponto. Em muitos aspectos, as trajetórias se cruzam. Nossa criação, nossas mães e todas as nossas vivências e dores são muito semelhantes. Mesmo estando geograficamente separados, questões de raça e gênero nos unem em uma grande coincidência, baseadas em encontros e reencontros com a ancestralidade. Por essa razão, o reconhecimento enquanto mulher negra fez sentido para todas as outras decisões de vida. Segundo Hooks (2010), o não abordar questões políticas em sala de aula pode ser por receio de como isso será visto e como seriam as reações, podendo trazer dificuldade ao docente para conduzir o encontro baseado nesses temas. Porém, falar sobre si, sem essa abordagem, é como ficar todo tempo em um silêncio sem propósito, pois o contexto das ações e reações está baseado nessa descoberta pessoal enquanto um corpo negro, na construção da autoimagem positiva da mulher negra - um desafio, visto por Petronilha Silva:

Esse processo desafiador e conflituoso nos revela que as professoras, de um modo geral, encontram-se despreparadas para lidar com a questão racial na escola. A opção é pelo silêncio e pelo ocultamento. No caso da professora negra, somam-se ao despreparo a dificuldade e o desafio que este trabalho representa, pois a remete à sua própria história de vida e às marcas deixadas pelas experiências com racismo e discriminação (SILVA, 1998, p. 3).

Mesmo que o número de negros na docência ainda não seja o mais esperado, ainda tem maior expressividade do que em outras áreas, como, por exemplo, medicina, engenharia, arquitetura, que são carreiras frequentemente acessadas pelos que, de certa forma, já possuem um contexto na área, seja direta ou indiretamente. Percebe-se que a carreira, muitas vezes, já é uma herança familiar - algum membro anteriormente consolidou seu espaço e

procura mantê-lo para as próximas gerações. Se levarmos em consideração que a construção da carreira se inicia na escola, quando a aprendizagem recebida servirá como base para a busca profissional, precisamos considerar, também, a desmotivação que alunos sofrem ao se sentirem discriminados ou excluídos na sala de aula. Isso pode ser observado quando a história do negro no Brasil é contada sob a ótica da mão de obra escrava, e não sob o olhar do povo resistente que trouxe prosperidade ao país.

Nesse sentido, percebe-se uma educação machista e racista, em que os grandes nomes que são enaltecidos são homens e brancos, deixando para trás nomes importantes de nossa construção cultural - femininos e negros. Conforme Silva (1998):

Se na escola se tomasse conhecimento e se analisasse as discriminações sofridas por todas as mulheres, em particular as mulheres negras, estariam sendo combatidas injustiças e haveria possibilidade de construir novas relações entre grupos sociais distintos. Assim, a abordagem de tais questões ensinaria serem inúmeras as mulheres negras que são arrimo de família, ou que participam decisivamente de sua manutenção. Mostraria que muitas vivem nas periferias das regiões metropolitanas, em casebres ou malocas, e não recebem serviços de saneamento nem de água, luz e raramente contam com serviços de saúde e escassamente de educação para crianças ou jovens, muito menos para adultos. Mostraria também que a oferta de tais serviços, muitas vezes, passa a existir diante de pressões e reivindicações que têm à frente mulheres, entre elas as negras. (SILVA, 1998, p. 3).

Se a escola estivesse preparada para contar essas histórias, teríamos um maior número de mulheres, em especial, de negras empoderadas e conscientes de sua rica contribuição para seu meio. De acordo com a mesma autora (1998):

Sendo as discriminações vividas pelas mulheres objeto de discussão nas escolas, como esconder que as condições de trabalho e os salários oferecidos às mulheres negras, em muitas situações, são inferiores aos proporcionados às brancas, segundo indicam dados dos censos, embora tenham a mesma escolaridade, a mesma experiência, o mesmo treinamento e desempenhem as mesmas funções? (SILVA, 1998, p. 3).

Essa discussão salarial, que é muito recorrente já quando falamos de homens e mulheres, quando a analisamos pelo viés além do gênero e chegamos à raça, considerando situações como falta de reconhecimento e menores condições de crescimento na organização, além da falta de credibilidade em projetos, é mais recorrente ainda. A mulher negra, que em sua maioria ocupa as áreas de cuidados nas organizações, rotineiramente está nos serviços gerais, cuja carga horária é exaustiva.

Metodologia

A natureza desse artigo, partiu de uma narrativa autobiográfica da autora estudante, a partir de suas experiências, compondo suas escritivências, onde foi possível traçar um paralelo vivenciado pelas mulheres negras, trabalhadoras e ainda acadêmicas da sociedade. Diante a fala de autores a vida na escrita das escritivências trazem em suas nuances as mais distintas dificuldades que os sujeitos negros enfrentam no decorrer de suas trajetórias, e com isso trazer em voga as escritas pretas, que têm encorajado mais acadêmicos a pensar e revisitar seus lugares da fala, e ainda procurar prover as escritivências como parte de uma cura individual e coletiva. “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro” (EVARISTO, 2014, p. 9.), menciona o turbilhão das questões sociais e existenciais da vida da autora, que hoje com o passar dos anos, não as mesmas, algumas semelhantes e outras distintas, mas presentes na vida de outros sujeitos acadêmicos, pensadores, escritores e sobreviventes negros.

Desse modo, buscou-se em uma coleta de dados, trazer informações estáticas das posições do negro no mundo do trabalho, bem como ainda retratar as realidades enfrentadas nas posições exercidas e com isso ainda evidenciar as rotinas acadêmicas afetadas a partir desse lócus habitual do sujeito negro e a ocorrência da pandemia do vírus SARS-CoV-2.

Análise

A partir de dados estatísticos para elucidar a realidade da mulher, negra no mundo do trabalho e suas perspectivas e realidades socioeconômicas, verificou a veracidade de que os sujeitos negros partem de uma trajetória de avanço em perspectivas de grandes dificuldades pelo tempo de negação aos acessos em escolarização, posições de destaque no mundo de trabalho entre outros. Ainda hoje para ascender na escalada social, perpassam por dificuldades desgastantes que por vezes podem acarretar desistência no processo. Por essa razão a escrevivências possibilita apresentar os moldes que os sujeitos estão inseridos na sociedade e ainda busca fomentar os diálogos e estudos sobre a interseccionalidade.

Conclusões

A Observou-se que a vida dos sujeitos negros é atravessada pelos marcadores sociais e que independente da classe social, gênero, trabalhador ou acadêmico as opressões os tocam e marcam suas trajetórias. Na tentativa de sobrevivência moldes foram estabelecidos e com isso os estudos sobre a educação decolonial e interseccionalidade vem trazendo esclarecimentos sobre as demandas das minorias no país. Nos estudos acadêmicos ainda mais necessária pois através da educação as minorias vêm buscando colocar suas pautas e modificar situações vivenciadas, visando garantir um futuro mais igualitária aos que ainda irão percorrer os mesmos caminhos.

Entende-se que não há como ficar sozinho no topo, sem que tantos outros de classes populares, negros, indígenas e outras tantas minorias não acessarem melhor situação de vida em um universo abundante como o que vivemos. Ângela Davis militante e ativista do movimento feminista negro, muito contribuiu para esse estudo, e ainda fortalecendo-o como ideia central de autobiografar trajetória de resistência” “Se quisermos elevar a condição de toda nossa comunidade à medida que escalamos as alturas do empoderamento, devemos estar dispostas a oferecer uma resistência organizada.”. (DAVIS, 2017, p.20).

O estudar educação e pensar em todos os sujeitos envolvidos e suas particularidades, muitos estudos que foram base até então tinham teóricos engajados, que estudavam as desigualdades do lado de fora. Nesse sentido, trazer um estudo de quem olha de dentro para fora a desigualdades, evidencia a pressão da interseccionalidade na prática e traz um novo olhar para o futuro.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **L'École Conservatrice. Les Inégalités Devant L'école et Devant la Culture**. Revue Française de Sociologie, Paris, v. 7, n. 3, p. 325-347, juil./sept. 1966.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 296 p.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017. 196 p.

DIEESE. **Desigualdade entre os negros e brancos se aprofunda durante a pandemia**. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos DIEESE. Novembro de 2020. Disponível em<www.sitedorelatório.com.br>. Acesso em 05 de fevereiro de 2021.

DIEESE. Emprego doméstico na Região Metropolitana de Porto Alegre em 2017/O trabalho doméstico na região metropolitana de Porto Alegre. Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Abril de 2018. Disponível em: <www.sitedorelatório.com.br> Acesso em 07 de agosto de 2020.

DIEESE. Indicadores apontam interrupção no processo de redução das desigualdades no mercado de trabalho/A inserção da mulher no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Março de 2018. Disponível em< www.sitedorelatório.com.br>. Acesso em 07 de agosto de 2020.

DIEESE. Mulheres no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Salvador. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Março de 2019. Disponível em<www.sitedorelatório.com.br>. Acesso em 03 de março de 2022.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Agua.** Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidades: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o Amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2021.



IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse do Censo Demográfico: 2010. Rio de Janeiro, p. 1-261, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **"Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas": Situando-nos enquanto mulheres e negras.** Cad. CEDES, Campinas, v.19, n.45, p.7-23, jul. 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 out. 2020.